

A educação física na educação de jovens e adultos (EJA) sob o ponto de vista do estudante^{1 2}

Roberto Gondim Pires
José Ailton Oliveira Carneiro
Raildo Silva Coqueiro
Luciano Alves da Cruz Júnior
Igor Costa Santos

Resumo: Este estudo objetivou avaliar a percepção do estudante quanto à necessidade da inclusão da disciplina Educação Física na matriz formativa da EJA. Trata-se de uma pesquisa descritiva, composta por estudantes do Programa EJA, em escolas com intervenção do PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, no município de Jequié-BA. As informações foram coletadas por meio de um questionário estruturado, utilizando-se procedimentos da estatística descritiva para análise. Os resultados revelaram: o rejuvenescimento da população estudantil; a indicação da necessidade de incluir a disciplina Educação Física na matriz formativa; não associação entre a indicação da Educação Física e práticas progressas na referida disciplina.

Palavras-chave: Educação física. EJA. PIBID. Educação.

Physical education in young and adults education (eja): from the point of view of the students

Abstract: This study aimed to evaluate students' perception on the need of inclusion of Physical Education subject in EJA educational matrix. It is a descriptive research, in which the study population was composed by students of EJA Program, in schools with PIBID – Teaching Initiation Scholarship Institutional Program, intervention in the city of Jequié-BA. Data were collected by a semistructured questionnaire, in which descriptive statistics procedures were used for data analysis. Results have shown: rejuvenation of students' population; the indication of the need of including Physical Education subject in the educational matrix; disassociation between Physical Education indication and former practices of the mentioned subject.

Keywords: Physical education. EJA. PIBID. Education.

¹ Apoio: CAPES (através das bolsas de Iniciação a Docência e bolsa para coordenador de área).

² Não houve conflitos de interesses para realização do presente estudo.

La educación física en la educación de jóvenes y adultos (eja): bajo el punto de vista del estudiante

Resumen: Este estudio objetivó evaluar la percepción del estudiante cuanto a la necesidad de inclusión de la disciplina Educación Física en la matriz formativa de la EJA. Tratase de una pesquisa descriptiva, cuya población fue compuesta por estudiantes del programa EJA, en escuelas con intervención del PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciación a la Docencia, en el municipio de Jequié-BA. Las informaciones fueron recolectadas a través de un cuestionario estructurado, donde se utilizaron procedimientos de estadística descriptiva para análisis. Los resultados revelaron: el rejuvenecimiento de la población estudiantil; la indicación de la necesidad de incluir la disciplina Educación Física en la matriz formativa; no asociación entre la indicación de la Educación Física y prácticas anteriores de la referida disciplina.

Palabras clave: Educación física. EJA. PIBID. Educación.

Introdução

Esta pesquisa está inserida no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – CAPES/UESB, no Projeto Institucional Microrrede Ensino-Aprendizagem-Formação: ressignificando a formação inicial e continuada de professores, vinculada ao subprojeto Esporte na EJA: possibilidades de tratar a cultura corporal no seu currículo.

O Art. 26 da atual LDB, lei n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996, indica: “A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da educação básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos” (BRASIL, 1996, p. 09). Apesar de apresentar algumas brechas em suas entrelinhas, as aparentes mudanças expostas através da LDB de 1996, de certa forma, trouxeram a Educação Física para dentro da escola, já que as primeiras Leis de Diretrizes e Bases (1961 e 1971) a nosso juízo, não deram um norte ao ensino da mesma no ambiente escolar, uma vez que a educação física era tratada como algo externo ao ensino escolar, à mercê da esportivização e da aptidão física. Percebemos que aí reside uma importante hipótese: a educação física perdeu o amparo legal, no sentido da obrigatoriedade, e passa por um momento da necessidade de ter que se legitimar academicamente como área necessária e importante no processo formativo do estudante, como afirma Reis (2011), precisamos construir, na prática cotidiana, elementos que

façam a Educação Física se constituir em um campo de conhecimento importante na formação do indivíduo.

Vale dizer que a educação física está presente no ambiente escolar brasileiro desde o século XIX. Trazia em sua gênese métodos europeus, com o ideal de corpo saudável intrínseca às propostas de ensino da época. Com os seus princípios pautados em uma abordagem biológica, a educação física da referida época fazia uso de tal abordagem para explicar suas práticas, além de estar vinculada aos métodos ginásticos, com o intuito de desenvolver fisicamente os indivíduos com a proposta em questão (BRASIL, 1997; SOARES et al., 2009).

A Constituição Brasileira de 1937 determinou, pela primeira vez na história, a obrigatoriedade de uma disciplina escolar - a educação física, todavia, o ensino da educação física tornou-se efetivamente obrigatório com a promulgação da LDB de 1961. Durante esse período as aulas pautavam-se em métodos desportivos e o esporte invadiu o espaço escolar, trazendo consigo seus valores e conceitos que logo foram incorporados ao ensino da educação física, tornando o espaço escolar uma mera extensão das instituições esportivas (SIMÕES et al., 2011).

A década de 1980 foi marcada pelo início de um processo de discussão, que por assim dizer, indicava a reformulação de ideias e mudança de paradigma, período no qual surgiram variadas abordagens presentes na educação física. Tais discussões emergiram com o propósito de superar os ensinamentos tecnicista, esportivista e biologicista da época (SIMÕES et al., 2011).

Nesse sentido, ao nos debruçarmos sobre os aspectos legais, a educação física é facultativa no curso noturno, mas isso não significa que a educação física não deva ser oferecida ou fazer parte da proposta pedagógica nos cursos noturnos. Cabe à escola decidir sobre a sua oferta e a cada aluno decidir em participar das aulas de educação física. Esta situação na prática está acabando por excluir justamente aqueles que, a nosso juízo, mais deveriam ter uma consciência corporal, pois estão a todo o tempo lidando com questões que tem o corpo como base para a construção do seu projeto histórico. Segundo Oliveira e Bitar (2010), no ensino médio brasileiro a oferta de ensino noturno é evidente, alcançando uma média de 42,46% no período 2004 a 2008. Esse dado necessariamente exige um posicionamento da escola como um todo e da educação física em particular, indicando as possibilidades/necessidades da abordagem deste conhecimento para esse universo de estudantes.

As considerações de Santin (2003) são esclarecedoras, uma vez que constata que a educação física nem sempre foi considerada importante, nem mesmo por alguns de seus profissionais, pois não é posta como real educação humana e é vista muitas vezes apenas como suporte para atividades esportivas. Observemos as palavras do autor:

É interessante observar que a Educação Física é a única que conseguiu criar leis para que certos alunos fossem dispensados, alegando razões que, olhadas com atenção, mostram que exatamente esses dispensados são os que mais necessitam da atenção do educador. Mas como, para alguns, Educação Física é sinônimo de determinado perfil físico e de desempenhos atléticos, parece ser normal a dispensa. Note-se ainda que em nenhum curso alguém é dispensado da História, da Gramática, da Matemática ou Línguas porque tem problemas de aprendizagem (p. 81).

Esta trajetória histórica impõe considerações e discussões, no âmbito da educação física escolar, que superam os determinismos e avançam na perspectiva de entender e materializar práticas pedagógicas, considerando que os estudantes já possuem uma representação da escola, da atividade física e da educação física escolar. A inclusão da educação física na EJA representa, a nosso juízo, a possibilidade de permitir que os estudantes tenham contato com a cultura corporal de movimento. Logo, faz-se necessário compreender que o conceito de cultura corporal precisa ser entendido como produto da sociedade e como processo dinâmico que, simultaneamente, constitui e transforma a coletividade à qual os indivíduos pertencem (BRASIL, 1997).

Interessa evidenciar que o processo de constituição da estrutura curricular da educação física na EJA teve diferentes trajetórias nos mais variados Estados brasileiros. Em Porto Alegre, por exemplo: “partiu da reflexão teórica dos professores de educação física apoiados nos interesses e necessidades levantadas, juntos aos estudantes da EJA” (REIS, 2011, p. 64). Tal estrutura foi proposta na primeira metade dos anos 1990.

A realidade observada pelos integrantes do PIBID (coordenador, supervisores e bolsistas de iniciação à docência) tem mostrado, nos espaços de intervenção profissional, seja na escola (estágios curriculares) assim como na Universidade (disciplinas), a pouca ou quase nenhuma discussão teórica sobre o planejamento e as intervenções da educação física na EJA, o que contribui de forma direta ou indireta com a construção de um modelo equivocado na abordagem da educação física, prevalecendo conceitos e símbolos que pouco contribuem no processo formativo do estudante.

Estas constatações inquietaram os integrantes do PIBID (Educação Física), assim como desperta olhares diferentes nas escolas de educação básicas envolvidas (Colégio Estadual Luis Viana Filho e Centro Estadual de Educação Profissional Régis Pacheco), ambas situadas no município de Jequié-BA. Estamos convencidos do desafio assumido e conscientes que temos um repertório de possibilidades, mas também um conjunto de obstáculos. O desafio de explicar as razões dos jovens não estudarem no ensino regular, dada a constatação da faixa etária encontrada, assim como perceber quais aspirações acadêmica/profissional eles têm, são apenas algumas questões que extrapolam o trato específico de qualquer disciplina, mas que a escola como um todo não pode se eximir de buscar as respostas.

Neste sentido, as motivações da formulação desta proposta estão imersas, no entendimento de que a Educação Física no contexto escolar, a rigor, assumiu historicamente lógicas e interesses que pouco contribuíram no processo formativo dos estudantes, isso para ressaltar que a mesma deve ser tratada de maneira contextualizada, levando em consideração sua construção histórico-social e seu papel como meio de inclusão e de formação do ser humano. Consideramos que a falta de formação continuada dos professores atuantes na escola, a falta de conhecimento das teorias críticas da educação e suas contribuições para um ensino crítico e reflexivo, as políticas públicas para o esporte (conteúdo dominante) que apenas se preocupam com o cenário esportivo dos megaeventos como a copa do mundo e os Jogos Olímpicos, tudo isso tem cristalizado uma perspectiva de compreensão do esporte/educação física distanciada dos grandes temas vividos na contemporaneidade, ética, solidariedade, inclusão, etc.

Diante do exposto, este estudo objetivou avaliar a percepção do estudante quanto à necessidade da inclusão da disciplina educação física na matriz formativa da EJA e examinar se a resposta é determinada pelo perfil do estudante (sexo, idade, experiência prévia com a disciplina e prática de atividade física/esportes). Dito de outra forma, objetivou-se perceber as seguintes questões: Para os estudantes (atores principais) da EJA a educação física deve ser um componente curricular da sua matriz formativa? O gênero e a idade são fatores que condicionam a resposta? A experiência anterior com a disciplina e/ou a prática regular de atividade física/esportes são condições que predisõem a defesa pela inclusão/manutenção da educação física como componente curricular na EJA? Visualiza-se tal objetivo como audacioso e necessário, pois tenta-se perceber e discutir a escola a partir das indicações de seus agentes principais, fugindo das propostas cristalizadas, em cuja estrutura curricular, historicamente

planejada para essa clientela, era e ainda é apresentado apenas o elementar, excluindo, consciente ou inconscientemente, vários conhecimentos de grande importância e relevância para o processo formativo. Ressalta-se a diferença curricular para o ensino regular, sobretudo o diurno, e um exemplo evidente, é a ausência de disciplinas que permitam tematizar a cultura corporal.

Caracterização do Estudo

Trata-se de uma pesquisa descritiva. Os estudos descritivos pretendem descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade. A maioria dos estudos realizados no campo da educação é descritiva, tendo como foco essencial o desejo de conhecer as escolas, as reformas curriculares, os métodos de ensino, os professores, a educação para o trabalho e os problemas escolares (TRIVIÑOS, 1987). A abordagem quantitativa atua em níveis de realidade e tem como objetivo trazer a luz dados, indicadores e tendências observáveis (SERAPIONI, 2000).

Certamente, neste modelo de pesquisa, não se pretende fornecer respostas prontas aos sistemas de ensino. O que julgamos importante é a possibilidade de abertura de um diálogo, que nem sempre vai produzir consensos, mais que tem o potencial de contribuir para avanços, tanto na prática pedagógica como na própria pesquisa (CAMPOS, 2009).

Amostra

A amostra deste estudo foi composta por estudantes da EJA matriculados no município de Jequié-BA. Segundo dados fornecidos pela Diretoria Regional de Educação de Jequié – (DIREC 13), o número total de estudantes matriculados na EJA em Jequié no ano de 2013 foi de 2175 alunos, sendo eles distribuídos nos Tempos Formativos I, II e III, que correspondem ao fundamental de 1ª a 4ª, fundamental de 5ª a 8ª e o ensino médio, respectivamente.

Foram incluídos na pesquisa os alunos matriculados na EJA do Centro Estadual de Educação Profissional Régis Pacheco (n = 100). A escolha das turmas foi intencional, considerando a atuação do PIBID na referida escola. Dessa forma, a amostra foi constituída por todos os estudantes que concordaram em participar da pesquisa e responderam completamente o instrumento de coleta.

Instrumento de Coleta de Dados

As informações foram coletadas por meio de um questionário estruturado, que foi construído, especificamente, para este estudo. O instrumento foi formulado a partir de referencial empírico e testado por meio de estudo piloto, sendo que não foi observada a necessidade de adequação, pois serviu ao objetivo proposto e apresentou clareza de linguagem.

Procedimentos de Coleta

A coleta de dados foi realizada nos meses de outubro e novembro de 2012 pelos bolsistas do curso de Educação Física da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia que fazem parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID-UESB/Educação Física). Todos os bolsistas receberam treinamento teórico-prático sobre conduta de trabalho de campo antes do início da coleta. A aplicação do questionário foi feita na própria sala de aula, durante as atividades do PIBID. Todo o trabalho de campo foi supervisionado pelo coordenador e pelos supervisores acadêmicos do PIBID-UESB/Educação Física.

Análise estatística

Foram utilizados procedimentos da estatística descritiva (frequências absoluta e relativa, média, desvio-padrão). As interfaces do perfil estudantil da EJA no município de Jequié – Bahia (sexo, idade, identificação com a EJA (você já teve aula de educação física (EF) anteriormente na EJA; você é a favor da educação física no turno noturno e você pratica alguma atividade física) foi verificada por meio do teste qui-quadrado de Pearson. Nos casos em que a frequência esperada foi menor que cinco ($n < 5$), foi utilizado o teste exato de Fisher. O nível de significância adotado foi de 5% ($\alpha = 0,05$). Para todas as análises, utilizou-se o pacote estatístico (SPSS) versão 16.0.

Resultados

A Tabela 1 apresenta a porcentagem de homens e mulheres que participaram do estudo, assim como sua idade média, mínimo e máximo. Observa-se que a distribuição e a média de

idade foram similares entre os sexos. As demais características da amostra são apresentadas na Tabela 2.

Tabela 1 - Frequência relativa e idade dos participantes do estudo

<i>Sexo</i>	<i>Frequência</i>	<i>Idade (anos)</i> <i>Média±DP</i>	<i>Mínimo - máximo</i> <i>(anos)</i>
Masculino	49%	24,2±6,4	15 – 47
Feminino	51%	26,6±9,2	18 – 60
Total	100%	25,4±4,8	15 – 60

Fonte: Elaborada pelos autores.

Nota: DP = desvio padrão.

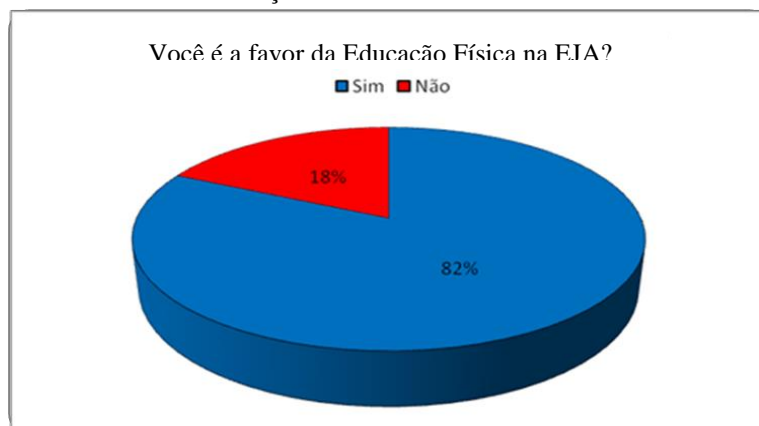
Tabela 2 - Perfil dos participantes do estudo

<i>Características</i>	<i>n</i>	<i>%</i>
Grupo etário (anos)		
15-24	65	65
25-34	23	23
> 34	12	12
Você já teve aula de educação física anteriormente ao EJA?		
Sim	9	9
Não	91	91
Você pratica alguma atividade física?		
Sim	65	65
Não	35	35

Fonte: Elaborada pelos autores.

O gráfico 1 apresenta a distribuição dos participantes do estudo, de acordo com a opinião sobre a educação física na EJA. Observa-se que a grande maioria dos estudantes inseridos na EJA foi a favor da presença da Educação Física na sua matriz formativa.

Gráfico 1 - Distribuição dos estudantes da EJA, segundo opinião sobre a educação física na matriz formativa.



Fonte: Elaborado pelos autores.

A Tabela 3 apresenta a associação entre a opinião dos participantes do estudo sobre a educação física na EJA e o perfil dos estudantes. As análises mostraram que não houve diferença estatística na frequência de estudantes que foram a favor da educação física na EJA para nenhuma das variáveis analisadas, o que mostra que a opinião favorável à inclusão da disciplina é independente do perfil do aluno.

Tabela 3 - Associação entre a opinião dos participantes do estudo sobre a educação física na EJA e o perfil do aluno

Variáveis	Você é a favor da EF na EJA		p-valor
	Sim	Não	
Sexo			
Masculino	43 (87,8%)	6 (12,2%)	0,14
Feminino	39 (76,5%)	12 (23,5%)	
Grupo etário			
15-24	55 (84,6%)	10 (15,4%)	0,63
25-34	18 (78,3%)	5 (21,7%)	
> 34	9 (75,0%)	3 (25,0%)	
Você já teve aula de EF anteriormente ao EJA?			
Sim	9 (100,0%)	0 (0,0%)	0,14
Não	73 (80,2%)	18 (19,8%)	
Você pratica alguma atividade física?			
Sim	55 (84,6%)	10 (15,4%)	0,35
Não	27 (77,1%)	8 (22,9%)	

Nota: EF = Educação física; EJA = Educação de jovens e adultos.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Discussão

O rejuvenescimento da população estudantil da EJA, a indicação da necessidade de incluir a disciplina educação física na matriz formativa e a não associação entre a indicação da Educação Física e práticas pregressas na referida disciplina constituem-se como achados deste estudo.

- EJA e o rejuvenescimento dos estudantes

A EJA se configura como uma modalidade de ensino criada para atender algumas demandas sociais, ou seja, ofertar o ensino para uma população de jovens e adultos que não tiveram oportunidade, acesso e/ou outras dificuldades em seu percurso existencial de estudar na idade apropriada.

Cunha Júnior e Biondi (2011) indicam e afirmam que no Brasil a acepção de Educação de Pessoas Jovens e Adultas continua sendo quase em sua totalidade paradigmática, no sentido de atender apenas às demandas daqueles que não tiveram acesso à escola regular em idade própria, ou são alunos com inúmeros infortúnios escolares tal como reprovações sucessivas, e, por conseguintes, repetências escolares e evasão, além de ser o foco desta modalidade de ensino predominantemente marcado pela específica alfabetização de jovens e adultos. Estas constatações precisam induzir a necessidade de conhecer e considerar o sujeito cultural que habita a EJA, com suas especificidades e marcas, pois:

estão impressas em seus corpos e delas eles não podem se desvencilhar. Entendê-las é fundamental no sentido de melhor compreender os sujeitos, o que contribuirá para conhecer e refletir os fatores inerentes ao processo educativo (FERREIRA; PAULA, 2011, p. 14).

O nosso primeiro contato com este modelo de ensino através do PIBID, que nos proporciona uma relação da educação física no turno noturno e a EJA, ocorreu literalmente um choque de informações, pois encontramos um perfil de estudantes bem mais jovens (média de idade de 25 anos) do que a literatura e documentos oficiais sinalizam:

os alunos da EJA são diferentes dos alunos presentes nos anos adequados à faixa etária. São jovens e adultos, muitos deles trabalhadores, maduros, com larga experiência profissional ou com expectativa de (re)inserção no mercado de trabalho e com um olhar diferenciado sobre as coisas da existência (BRASIL, 2000).

Reis (2011) argumenta que reside aí uma das dificuldades na construção da identidade pedagógica na EJA, “o fato desse público estar cada vez mais jovem e urbano, como consequência da dinâmica escolar brasileira e das pressões do mundo do trabalho” (p. 43). O estranhamento do local e da modalidade de ensino escolhida foi, sem dúvida alguma, algo que não nos prejudicou, pelo contrário, nos ajudou, pois: “ Para quem é introduzido pela primeira vez num meio que lhe é estranho, tudo é significativo, nada pode ser previamente hierarquizado numa escala de valores entre o insignificante e o relevante: tudo é digno de observação e registro” (MAGNAMI, 2009, p. 141).

Superada a etapa de estranhamento total ou deslumbramento inicial, passamos à fase das indagações necessárias: Qual o perfil atual dos estudantes da EJA? Como a conjuntura social influenciou essa expressiva mudança?

Certamente a característica e abrangência de nosso estudo não permitem responder tais indagações, mas trazemos com elas, muitas preocupações, pois, todos nós sabemos que a juventude mais pobre deste país depende da escola para aprender, e se for limitado em sua passagem pela escola o acesso apenas às habilidades básicas, nisso se resumirá a sua formação (SAVIANI, 1986). A escola cada vez mais, na sua lógica racionalista, se preocupa com a cognição, com o conhecimento, e esquece outras dimensões da matriz formativa, como a criatividade, as artes, a afetividade, o desenvolvimento da cultura corporal: “assinala para o magistério que, se conseguir o básico, já está bom, em especial para os mais pobres” (FREITAS, 2012, p. 389). Neste sentido, este flagrante rejuvenescimento dos estudantes da EJA, nos coloca na condição de estabelecer outros questionamentos para esse modelo de escola e de EJA, tentando extrapolar este estereótipo de formação, pois

[...] o básico exclui o que não é considerado básico – esta é a questão. O problema não é o que ele contém como “básico”, é o que ele exclui sem dizer, pelo fato de ser “básico”. Este é o estreitamento curricular [...] Eles deixam de fora a boa educação que sempre será mais do que o básico (FREITAS, 2012, p. 390)

Esta constatação nos coloca a certeza de que a escola de hoje possui enormes e múltiplos desafios, especialmente porque vem sendo frequentada por grupos sociais e culturais distintos, cada qual com suas particularidades e necessidades, sendo uma urgência garantir o convívio, estimular a curiosidade e ainda selecionar na sociedade itens que possam garantir sentido e

significado para o conjunto dos estudantes; a busca de tais metas torna-se tarefa cada vez mais importante para a educação.

O acesso à educação física representa, a nosso juízo, a possibilidade de garantia de conhecimentos, vivências e valores, pautando-se como um direito que os jovens e adultos têm. A esse respeito argumenta Reis (2011)

A possibilidade de construção e usufruto de instrumento para promover a saúde, utilizar criativamente o tempo de lazer e expressar afetos e sentimentos em diversos contextos de convivência. Sintetizando, a apropriação da cultura corporal, por intermédio da EF na EJA, pode se constituir em mais um modo de inserção social, exercício de cidadania e de melhoria da qualidade de vida (p.79).

- EJA e Educação Física: o que dizem os estudantes?

A nossa prática cotidiana tem revelado que trabalhar a educação física na EJA se constitui simultaneamente em uma necessidade, mas também num grande desafio. Subliminarmente, a escola (gestores/professores/técnicos) acredita/espera que nossa atuação esteja pautada na perspectiva de recrear os estudantes, ou que no limite, atue na direção de recuperação da força de trabalho dos mesmos. Acreditam que dessa maneira atrairemos de forma efetiva o gosto pelo ambiente escolar. A respeito disso, Linhares (2011) nos alerta sobre o movimento expansivo das escolas: “entre tantas funções, cumpria aquela destinada a disciplinar a força de trabalho e produzir indivíduos cuja meta principal consistia em fazer-se alguém na vida” (p. 21).

A expectativa sobre a resposta dos estudantes da necessidade/possibilidade de ter a disciplina educação física na matriz curricular da EJA era grande. A própria realidade do ensino noturno e em especial da EJA nos revelava um histórico de evasão e desmotivação sem precedentes. A esse respeito, Cunha Júnior e Biondi (2011) indicam que no Brasil a acepção de Educação de Pessoas Jovens e Adultas continua sendo quase em sua totalidade paradigmática, no sentido de atender apenas às demandas daqueles que não tiveram acesso à escola regular em idade própria, ou são alunos, com inúmeros infortúnios escolares tal como reprovações sucessivas, e, por conseguintes, repetências escolares e evasão, além de ser o foco desta modalidade de ensino predominantemente marcado pela específica alfabetização de jovens e adultos.

A constatação de que a população que frequenta a escola na modalidade de ensino EJA traz consigo experiências, vivências e conhecimentos adquiridos no cotidiano, e levando em consideração esses conhecimentos produzidos ao longo de suas vidas, deveria a nosso juízo, ser

determinante na resposta, porém, a constatação que 91% dos informantes registraram não ter tido aulas de Educação Física no seu percurso educativo revela uma situação, no mínimo contraditória, considerando o perfil mais jovem da população matriculada na escola investigada. Esta realidade nos impõe pensar os estudantes da EJA na sua dinâmica social e no seu processo de vida e não só como estudantes apenas da escola.

Quando observado que 82% dos informantes indicam o desejo de ter a disciplina Educação Física em sua matriz formativa, induz uma realidade que pode nos trazer surpresas positivas e também negativas. Positivas se suas lembranças ou falta dela se refletirem na possibilidade de efetivação de práticas integradoras e solidárias que não sejam pautadas apenas pelo esporte e sua organização seletiva. E negativas, se os estudantes apresentarem dificuldades em romper com a compreensão do senso comum, principalmente com aquelas práticas esportivas que se referem à exclusão.

- Associação da inserção da aula de educação física na matriz curricular do EJA com vivências anteriores a prática da Educação Física.

Foi possível observar que a resposta dos estudantes é independente de seu perfil, ou seja, ser homem ou mulher, mais jovem ou de mais idade, ter tido ou não aula de Educação Física na EJA, praticar ou não atividade física; não foram fatores que influenciaram a resposta. Isso sugere que no contexto da EJA em nossa realidade, a presença da educação física como componente curricular atenderia um anseio democrático dos alunos (principais atores) independentemente de suas diferenças demográficas e experiências passadas e atuais com a educação física. Este resultado é um tanto quanto surpreendente, pois não se imagina que mesmo os estudantes que nunca tiveram aula de educação física e não praticam atividade física fossem amplamente favoráveis à educação física na escola. Esta revelação pode indicar a importância da disciplina educação física como componente curricular para as suas formações e/ou pelo fato da mesma quebrar a possível monotonia do conteúdo formal da sua matriz formativa.

Esses resultados nos deixam surpresos e também esperançosos e inquietos pela busca contínua da inserção da educação física na EJA. Observa-se na atualidade uma oportunidade grande, não só de lutar pela reinserção da educação física no turno noturno, mas, especificamente na EJA, como afirma Reis (2011) que “a utopia da educação física da escola regular na EJA permanece” (p. 78).

Neste sentido, o reconhecimento para a maioria da população que frequenta a EJA, o estudo significa um terceiro turno de trabalho, identificando que o cansaço e o tempo encurtado são elementos dificultadores, não podem e nem devem nos afastar dos objetivos mais gerais da Educação Física escolar. Portanto, ampliar os conhecimentos é possibilitar vivências acerca da cultura corporal com intuito de se pensar a prática corporal e de se trabalhar os elementos dessa prática como fator de socialização, interação, ludicidade, criatividade, resgatando valores esquecidos ao longo do tempo e dando à educação física o real significado da sua prática no âmbito escolar deve ser a meta (DARIDO, 2003).

Conclusão

A partir dos objetivos estabelecidos para este estudo, observou-se que o rejuvenescimento da população da EJA se constitui em algo a ser entendido e enfrentado, uma vez que as limitações do ensino noturno pode produzir um modelo formativo, que deixe de fora vários elementos e conteúdos abordados nas séries regulares do ensino diurno; e a educação física é apenas um exemplo, ou seja, ao menos no espaço institucional, esta clientela não aborda aspectos da cultura corporal de movimento.

Uma das nossas indagações desta pesquisa era saber se os estudantes que eram a favor da educação física na EJA tinham ou tiveram alguma vivência anterior com práticas de atividade física e também se a idade influenciava nas respostas destes estudantes. Através das análises, observou-se que a grande maioria dos estudantes que queriam a inserção da educação física no turno noturno (82%) não foi influenciada por vivências anteriores na EJA, pela prática de atividade física e nem pela faixa etária. Embora não tenha sido uma surpresa, constatou-se que a grande maioria dos estudantes não teve uma vivência com a educação física anterior a EJA. Sendo assim, é de extrema importância que os professores de educação física possam proporcionar aos estudantes oportunidades que possibilitem o desenvolvimento do seu processo formativo, buscando atender ao direito, que nem sempre é atendido para aos estudantes da EJA, à Educação Plena.

Sem dúvidas este estudo apresenta algumas limitações intrínsecas ao método utilizado, certamente entender as motivações da maioria que não teve aula de educação física, indicando a necessidade desse trato na EJA, e mesmo, a constatação da maioria realizar algum tipo de

atividade física são apenas algumas questões que podem ser desdobramento da pesquisa em tela.

Referências

- BRASIL. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. **Lei n.º 9.394/96**. Brasília: MEC, 1996.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- _____. Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos. **Parecer CNE/CEB n. 11/2000**. Brasília: MEC, 2000.
- CAMPOS, M. M. Para que serve a pesquisa em educação? **Cad. Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 136, abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext>. Acesso em: 18 mar. 2013.
- CUNHA JÚNIOR, A. S.; BIONDI, S. O. A tematização social da juventude e a juventude como categoria social: notas para uma análise do rejuvenescimento do aluno da educação de jovens e adultos. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL “Educação e Contemporaneidade, 5.,” São Cristóvão-SE, 2011.
- DARIDO, S. C. **Educação física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- FERREIRA, L.; PAULA, J. **Um diálogo entre a educação física e a EJA: os corpos dos educandos e educadores**. In: CONBRACE, 17.; IV CONICE, 4., 2011. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/XVII_CONBRACE/2011/paper/view/3075/1408>. Acesso em: 20 jun. 2013.
- FREITAS, L. C. Os reformadores empresariais da educação: da desmobilização do magistério à destruição do sistema público de educação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 119, p. 379-404, abr./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 30 jun. 2013.
- LINHARES, C. F. S. Trabalhadores sem trabalho e seus professores: um desafio para a formação docente. In: ALVES, N. (org). **Formação de professores: pensar e fazer**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2011. v. 30, p. 09-38.
- OLIVEIRA, J. F.; BITAR, M. **Ensino superior noturno no Brasil: democratização do acesso, da permanência e da qualidade**. ANPAE, 2010. Disponível em: <www.anpae.org.br/iberolusobrasileiro2010/cdrom/52.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2013.
- MAGNAMI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 jun. 2013.
- REIS, J. A. P. dos. **As trajetórias de vida dos estudantes-trabalhadores da educação de jovens e adultos: os significados da educação física um estudo em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) - Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- SANTIN, S. **Educação física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí: Editora UnIjuí, 2003.
- SAVIANI, D. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez; Campinas: Autores Associados, 1986.
- SERAPIONI, M. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. In: **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 187-192, jan. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v5n1/7089.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2008.

SIMÕES, E. et al. Educação física escolar: um diálogo com sua história, desafios e possibilidades. **Revista Didática Sistemática FURG**, Rio Grande, edição especial, 2011.

SOARES, C. L et al. **Metodologia do ensino de educação física**. 2. ed. São Paulo: Editores Associados, 2009.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

Roberto Gondim Pires - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Jequié | BA | Brasil. Contato: gondim.roberto@gmail.com

José Ailton Oliveira Carneiro - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Jequié | BA | Brasil. Contato: hitoef@yahoo.com.br

Raildo Silva Coqueiro - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Jequié | BA | Brasil. Contato: raiconquista@yahoo.com.br

Luciano Alves da Cruz Júnior - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Jequié | BA | Brasil. Contato: lucianoalves_junior@hotmail.com

Igor Costa Santos - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Jequié | BA | Brasil. Contato: icsantos13@hotmail.com

Artigo recebido em: 7 abr. 2014 e
aprovado em: 23 set. 2014.